

## A MATÉRIA DO OBSERVATÓRIO FAPOL!

A função dos observatórios da Fapol é observar e lançar luz sobre o estado atual de um tema da cultura, proporcionando às escolas material concreto para inspirar e dar forma à sua ação. Ao analisar esses temas, os observatórios procuram encontrar, na reserva conceitual da psicanálise de orientação lacaniana, formas de dialogar com os discursos que têm grande repercussão na sociedade. O risco é tomá-los como referência para questioná-los, validá-los ou até mesmo ensiná-los. Mas esse não é o ponto de trabalho de um Observatório. Lacan é claro:

A referência de um discurso é o que manifesta querer dominar. Com isso basta para classificá-lo no parentesco do discurso do amo. Essa é a dificuldade daquele que tento aproximar tanto quanto posso do discurso do analista: ele deve se encontrar no ponto oposto a toda vontade, ao menos manifesta, de dominar. Digo ao menos manifesta, não porque tenha que dissimulá-la, mas porque, afinal, é fácil deslizar novamente para o discurso do domínio<sup>1</sup>.

É que sempre existe o risco de deslizar, e *nós deslizamos muito bem*, como dizia Lacan. Quando nos aproximamos de um tema da atualidade, nossa referência de leitura não é o que o amo diz sobre ele. Qual é, então, a matéria que um Observatório Fapol se dedica a ler? Responder a essa pergunta é um passo fundamental para que o trabalho do Observatório se oriente no campo próprio do discurso analítico, sem deslizar para a sociologia do amo da moda. Mas há uma conexão! Quando Miller diz que “a Escola é um ser ambíguo, com asas analíticas e patas sociais”<sup>2</sup>, ele usa a metáfora da dobra para falar da relação entre o discurso analítico e o discurso do amo: um é o reverso do outro!

Lacan comenta que «o que têm de maravilhoso os discursos, sejam eles quais forem, mesmo os mais revolucionários, é que jamais dizem as coisas cruamente»<sup>3</sup>. Mas a matéria da análise é a coisa crua, que vive «esquecida por traz do que se diz em o que se ouve»<sup>4</sup>. Uma verdade sutil que só de repente se faz visível e, quando acontece, é uma «manifestação concreta a ser ‘clinicamente’ apreciada»<sup>5</sup>. Para tanto, é preciso nos deixar levar pelo *espírito da sutileza*<sup>6</sup>. Entretanto, para alçar esse campo sutil, é preciso estar em conexão com outros discursos.

Freud soube ler no discurso histórico a presença de algo ardente, insistente e no avesso da coerência lógica do discurso formal. Ele auscultou um saber outro, que fala por si mesmo sem saber quem o diz e que resistia ao discurso dominante da moral vitoriana de sua época com força de verdade<sup>7</sup>. Lacan sublinha que, desde Freud, o saber que interessa à experiência analítica é esse que se passa no que se diz como coisa a ser lida, mas impossível de apreender. Ele nos convida a sondar no dizer o que se mostra mais como coisa do que como sentido, o que queima, perturba e perfura o tecido do discurso.

Foi em seu Seminário *O avesso da psicanálise* que ele precisou a matéria dessa coisa: “No entanto, é claro que nada é mais candente do que aquilo que, do discurso, faz referência ao gozo”<sup>8</sup>. Entre a psicanálise e as questões candentes da cultura corre esse fio condutor. E afirma: «não há discurso – e não apenas o analítico, que não seja do gozo, pelo menos quando dele se espera o trabalho da verdade»<sup>9</sup>.

Podemos dizer que Freud e Lacan estiveram à altura de sua época por seguirem esse fio do gozo e estarem tão próximos quanto possível da coisa quente. Isso não é confortável, dirá Lacan. Pois «não é confortável situar-se nesse ponto onde o discurso emerge, e mesmo, quando a ele retorna, tropeça nos arredores do gozo»<sup>10</sup>. Aí a coisa queima... há resistência! Mas não existe psicanálise se aí não estiver um analista.

O trabalho de um Observatório visa justamente ler o que há de gozo no falar, essa matéria presente no tecido de uma análise que se passa nas redes de discurso, que dominam a opinião pública, e cuja forma articulada «de saber, rejeita e exclui a dinâmica de sua própria verdade»<sup>11</sup>.

Lacan pergunta: para que isso serve? Como os significantes-mestres do nosso tempo participam da trama do tecido do sintoma e servem ao aparato do gozo? Como ler a afirmação lacaniana de que “o significante-mestre não apenas induz, mas determina a castração?”<sup>12</sup> Como podemos ler e verificar essa afirmação de Lacan em cada tema da atualidade? Mas a que real isso responde?

Nosso desejo é que o trabalho de um Observatório seja capaz de desdobrar o discurso do amo de tal forma que torne legível a matéria em si, a matéria que o causa e que não cede. Para isso, o trabalho deve voltar-se para o impossível, sondar o real em jogo nesse tema que atualmente se espalha como pólvora no tecido social. Onde esse discurso surge? Com quais chaves-mestras é fabricado para tentar dominar o gozo que o funda e dele escapa? Onde ele tropeça e retorna à verdade que o provoca e que não se cala?

O fato é que, se há discurso, há um braseiro ardendo, e seguir a fumaça é um esforço em direção ao real. Vale o risco de aproximar-se assim do que queima? Eu me atrevera a dizer que sim. Nossa aposta é que um Observatório Fapol, ao tomar a sutil matéria da psicanálise como o candente a ser investigado pelas suas antenas analíticas, possa extrair de suas observações, em conexão com outros discursos, uma leitura que possa nos ensinar algo sobre a própria experiência da psicanálise, ajudando-a a avançar ao ler, junto com alguns outros, a atualidade do sintoma que responde à nossa oferta.

Fernanda Otoni Brisset

Janeiro de 2025

---

## Referências

<sup>1</sup> LACAN, Jacques. *O seminário, livro 17: O avesso da psicanálise*. (1969-1970) Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: Ari Roitman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992. p. 22.

<sup>2</sup> MILLER, Jacques-Alain. Uma fantasia. (1998) *Opção Lacaniana, Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, São Paulo, n. 42, 2005. Disponível em: <https://www.opcaolacanianana.com.br>. Acesso em: 21 mar. 2025.

<sup>3</sup> LACAN, 1969-1970/1992, *op. cit.*, p. 77.

4

<sup>5</sup> LACAN, Jacques. *Do sujeito enfim em questão*. (1966) In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 234.

<sup>6</sup> MILLER, J.-A. *Sutilezas analíticas*. Buenos Aires: Paidós, p. 28.

<sup>7</sup> FREUD, Sigmund. Estudos sobre a histeria. (1895) In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 76.

<sup>8</sup> LACAN, 1969-1970/1992, *op. cit.*, p. 66.

<sup>9</sup> *Ibidem*, p. 74.

<sup>10</sup> *Ibidem*, p. 67.

<sup>11</sup> *Ibidem*, p. 85.

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 83.